

Por que um número de *Percorso* sobre Ferenczi?

Há a coincidência das datas - 1873, 1933, 1993 - e também o desejo de marcar nossa presença em meios às diversas manifestações que, pelo mundo afora, lembrarão durante este ano a obra e as idéias de um psicanalista ilustre. Motivações puramente circunstanciais? Nem tanto: da história da psicanálise também fazemos parte nós, enquanto analistas individuais e enquanto instituição; é justo que prestemos homenagem aos que vieram antes de nós e que deixemos alguns documentos eventualmente úteis aos que vierem depois de nós.

Mas, entre passado e futuro, inscreve-se o presente: e foi a extrema atualidade de Ferenczi que nos mobilizou para organizar este número. Ele marcou a psicanálise por suas idéias, certamente, e entre elas se destacam a necessidade de resgatar a criança no adulto através da clínica de adultos, além da teoria do trauma e de conceitos como os de introjeção e de sentido de realidade. Contudo, é principalmente por sua postura que Ferenczi se torna instigante: seu empenho terapêutico, seu compromisso de ser fiel à própria experiência, sua exigência de fazê-la compreensível para si mesmo e compartilhável com outros. Ele sabia reco-

nhecer o instituído - como norma ou como possibilidade de abertura - e servir-se dele, ao invés de se colocar a serviço dele. Não devia ser fácil ocupar simultaneamente a posição de filho predileto, de discípulo mais brilhante e de *enfant terrible* da psicanálise... Falar dele é tocar em lembranças difíceis, em recalçados penosos - basta ver o espelhamento das iniciais de Sándor Ferenczi e de Sigmund Freud - e também abordar nossa própria filiação, com seus conflitos e dilemas que tão facilmente se prestam a "soluções" de compromisso.

O interesse por Ferenczi vem aumentando nos últimos anos, especialmente na França, em parte como reação aos excessos de dogmatismo e de abstração que caracterizam certos momentos da voga estruturalista, e em parte como expressão de um movimento mais sutil. O "retorno a Freud" produziu efeitos de grande valor, que marcaram profundamente a Psicanálise: o principal deles talvez tenha sido o de tratar Freud não como um ancestral venerado, cuja fotografia pende das paredes, mas de quem se guarda uma distância feita de um pouco de reverência e de um pouco de condescendência ("os inícios, ora..."), e sim como um *interlocutor*, com quem se dialoga, que nos surpreende e às vezes nos deixa perplexos. Mas Freud permanece o Fundador, aquele que por definição é

o Primeiro e o Inigualável. Já Ferenczi, por ser discípulo, oferece um modelo identificatório talvez mais flexível, mais plástico, em suas ouzadias, em seu equívocos, em sua dimensão mais próxima de todos os que vieram depois de Freud e que, não obstante, fizeram da Psicanálise a *sua* coisa.

Neste número, procuramos apresentar um corte longitudinal da obra de Ferenczi, focalizando as idéias metapsicológicas, a prática clínica, a relação com Freud, a influência que exerceu sobre alguns analistas de seu meio.

Não se trata de promover um "retorno a Ferenczi", com a inevitável carga de idealização que comportaria tal projeto. Trata-se de favorecer um *encontro com Ferenczi*, e por esta via um encontro com o perturbador da experiência clínica de cada um de nós, com nossas dúvidas e com nossas incertezas, assim como ele pôde acolher e pensar as suas. *Elasticidade*: este termo, que Ferenczi emprestou de um paciente para dar título a um de seus artigos, nos parece caracterizar bem o que desejamos enfatizar, ao reunir aqui contribuições de colegas de dentro e de fora do Departamento, todas elas suscitadas pelo encontro com uma obra singularmente dramática, mobilizadora, às vezes patética em seus excessos, mas sempre instigante e fecunda.